

# Como representar onomatopeias? – um estudo em manuscritos escolares de histórias em quadrinhos escritas por alunos do 2º ano do Ensino Fundamental

Janayna Paula Lima de Souza Santos<sup>1</sup>

Eduardo Calil<sup>2</sup>

## Resumo

Este trabalho discute a manifestação de formas de representação de onomatopeias em histórias em quadrinhos inventadas por alunos de um 2º ano do Ensino Fundamental. Inicialmente apresentamos uma breve descrição desse fenômeno linguístico que, segundo Ullman, tem na “repetição” e “reduplicação” uma de suas propriedades mais importantes; em seguida, analisamos algumas de suas relações com a linguagem gráfico-visual de histórias em quadrinhos da Turma da Mônica. Os manuscritos escolares coletados são os produtos de doze propostas de produção de texto feitas a partir do projeto didático “Gibi na sala”, desenvolvido no segundo semestre de 2008 em uma escola pública de Maceió. Escolhemos um manuscrito produzido por uma díade em que aparecem cinco onomatopeias, para poder exemplificar as relações estabelecidas entre essas onomatopeias e as imagens que as suscitaram. Apesar da aparente evidência que possa haver na representação onomatopáica de um personagem chorando ou cantando, os alunos apresentam formas linguísticas que, embora preservem em parte as propriedades de “repetição” e “reduplicação”, não se diferenciam em relação à imagem que representam.

## Palavras-chave

Histórias em quadrinhos; manuscrito escolar; criação; onomatopeia.

## Abstract

This paper discusses the manifestation of forms the onomatopoeias representation in comics invented for students from second year elementary education. Initially, we presented a brief description this linguistic phenomenon that, according to Ullman, has in “repetition” and “reduplication” one of their most important properties. Then we analyzed some of their relations with the graphic-visual language the Mônica’s Gang comic. The schools manuscripts collected are the products of 12 proposals the production of text made from the teaching project “Comic in the classroom” developed in the second semester in 2008 in a state school in Maceió. We chose a manuscript produced for a double which appears 5 onomatopoeias to exemplify the established relations between their onomatopoeias and images that have risen. Although this apparent evidence that can be in onomatopoeic representation a character crying or singing the students present linguistics forms which preserve in part of “repetition” and “reduplication the properties”, but does not differ in relation to the image represented.

## Keywords

Comics; school manuscript; creation; onomatopoeia.

## Introdução

As histórias em quadrinhos (doravante, HQ), através da interação entre dois sistemas semióticos distintos, a saber, o verbal e o não verbal,

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira com pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). *E-mail*: janayna\_lsantos@hotmail.com

2 Professor associado da Universidade Federal de Alagoas nos Programas de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL) e Educação (PPGE). *E-mail*: eduardocalil@hotmail.com

constituem um gênero com características bastante específicas e singulares. Nele, a particularidade dessa interação promove uma necessária articulação entre inúmeros aspectos: cores predominantes; formas dos traçados; composições gráfico-visuais; tamanhos e tipos de letras; tipos de personagens; presença ou não de enunciados escritos; usos do discurso reportado; sequenciamento narrativo e relação entre imagens e cenas; formas e representações de metáforas visuais e onomatopeias, dentre vários outros. É precisamente sobre a figura de estilo chamada “onomatopeia” que analisaremos as criações efetivadas por alunos quando criam o texto de HQ da Turma da Mônica.<sup>3</sup>

Inserido em um projeto mais amplo que envolve a questão da autoria e os processos de escritura de textos em séries iniciais do Ensino Fundamental (CALIL, 2004, 2008a), o recorte sobre esse fenômeno linguístico em manuscritos escolares de alunos de um 2º ano de uma escola municipal de Maceió visa a descrever como esses alunos o representam e que relação há entre a representação linguística e a imagem que lhe serve de referência.

As onomatopeias, em sua definição estritamente linguística, indicam sons ou ruídos de objetos e vozes. Porém, nas HQ elas também estão relacionadas aos efeitos gráfico-visuais específicos desse gênero, uma vez que suas ocorrências não podem ser interpretadas sem que se considerem igualmente os tipos, os tamanhos e as cores das letras; sua disposição no espaço do quadro; suas relações com a expressão do personagem, dentre outros aspectos. O sentido que traz a onomatopeia nas HQ não pode ser dissociado do conjunto de traços e cores, tampouco do universo discursivo que caracteriza as HQ. Ou seja, a onomatopeia “buááá”, que representa o choro de um personagem no gibi da Turma da Mônica, dificilmente estará presente em um gibi do Batman, e, mesmo que surja em alguma história, sua forma de representação gráfico-visual não será certamente a mesma.

Descreveremos, portanto, as onomatopeias que surgem nos manuscritos dos alunos que escreveram o texto de HQ propostas pelo professor. Neste estudo, apresentaremos as criações de onomatopeias referentes à imagem em que o personagem está *chorando* ou *cantando*.

### Breve comentário sobre a entrada de HQ na sala de aula

As HQ foram inseridas no contexto didático em 1969, como auxílio ilustrativo aos livros de História do Brasil e História Geral do professor Julierme de Abreu de Castro, para 5ª e 6ª séries, através dos desenhos de Rodolfo Zalla e Eugênio Colonnese. Essa iniciativa foi de grande êxito para editoração de livros didáticos dessa linha e teve a Editora Ibep como sua grande precursora desse formato inovador. A partir daí, as ilustrações nos livros didáticos deixaram de ser simples acompanhamentos das disciplinas: passaram a caracterizar-se como um novo recurso para introduzir uma nova linguagem ao conteúdo educacional, oferecendo aspectos lúdicos às obras.

Segundo Vergueiro (2007, p. 20), a inclusão efetiva das HQ em materiais didáticos começou de forma tímida. Inicialmente, elas eram utilizadas para ilustrar aspectos específicos das matérias, que antes eram explicados por um texto escrito. Nesse momento, as HQ apareciam nos livros didáticos de Português (LDP) em quantidade bastante restrita, pois ainda se temia que sua inclusão pudesse ser objeto de resistência ao uso do material por parte das escolas. Mesmo que o tratamento dispensado a esse gênero não tenha ocorrido de forma mais adequada, de início, a inovação edificou iniciativas que deram brechas a uma utilização mais eficaz no ambiente didático.

Atualmente, os autores de LDP valem-se dos quadrinhos humorísticos para trabalhar com essas *novas linguagens*, para a difusão substancial do seu conteúdo e empregam as artes gráficas de Maurício de Sousa (Turma da Mônica), Ziraldo (*O Menino Maluquinho* e *A Turma do Pererê*) e Quino (*Mafalda*), entre outras.

### As HQ em LDP

Reconhecendo a importância dada às HQ no cenário didático, pesquisamos em trabalho anterior (SANTOS, 2007), quais e como são abordados os quadrinhos em 6 LDP mais usados nas escolas públicas de Maceió (AL). Recortamos como objeto de estudo os LDP

3 A Turma da Mônica é a “turma” mais conhecida das publicações assinadas por Maurício de Sousa. Direcionada para o público infantojuvenil, com uma linguagem coloquial, direta e uma intensa representação de onomatopeias. Essa “turma” tem como personagens principais a Mônica, o Cebolinha, o Cascão e a Magali.

de 2ª série, analisando as propostas de interpretação de texto com HQ. Encontramos 39 HQ e levantamos 152 questões de interpretação. Pudemos indicar que as questões propostas pelos autores priorizavam a exploração das HQ no âmbito temático ou valorizavam a identificação de elementos formais (balões, metáforas visuais, onomatopeias etc.), deixando em segundo plano o sentido da história.

Também foram pouco considerados aspectos relativos ao *estilo* da HQ, isto é, as diferenças entre uma HQ assinada por Ziraldo e aquelas assinadas por Maurício de Sousa e Laerte, o que poderia dar a esse gênero um caráter mais abrangente e interessante. Notamos, ainda, que as perguntas deram pouca ênfase às características dos personagens, ou seja, não levaram em conta se o personagem era o Cascão, da Turma da Mônica (Maurício de Sousa); o Sabiá, da história em quadrinho *Vida de passarinho* (Caulos); ou o Bocão, de *O Menino Maluquinho* (Ziraldo): a maior parte das questões foi formulada sem considerar as características físicas e/ou psicológicas de tais personagens, o que, se ponderado, certamente ajudaria os alunos a construir os sentidos da história.

Consideramos importante ressaltar também a ausência de questões que envolvem a relação entre o humor – característica marcante dessas HQ – e seus efeitos de sentido. Apesar de os LDP analisados indicarem maior preocupação com o conteúdo e com a qualidade no trabalho didático referente à interpretação de texto, não valorizam significativamente os aspectos gráfico-visuais próprios dos quadrinhos, característica constitutiva do gênero. Em resumo, o trabalho com esse gênero, nos LDP analisados, tem um caráter excessivamente instrumental e pontual. De um lado, uma preocupação com a descrição de alguns elementos que o caracterizam. De outro, a despreocupação com um trabalho sistemático com ele, apresentando, a cada nova unidade, outro gênero.

No entanto, reconhecemos que sua presença nos livros didáticos é um efeito das políticas públicas efetivadas pelo Ministério da Educação, em particular, dos critérios e das orientações apresentadas pelo Guia de Livro Didático (BRASIL, 2006).

Dos seis LDP analisados, a presença da onomatopeia surge em quatro. No entanto, apenas três fazem uma discussão específica sobre essa figura de linguagem. Neles, encontramos HQ com atividades em seções distintas: nas seções de leitura e interpretação, produção de texto e gramática. Em apenas dois desses LDP, os autores trabalham o sentido que a onomatopeia tem nas HQ e o seu processo de formação, abarcando a *repetição*, mas sem fazer relação com o humor e com os aspectos gráfico-visuais que o constituem.

A conjunção do aparato semiótico, sustentado na relação entre texto e imagem, atrelado ao humor e a temas relacionados ao cotidiano da criança brasileira, faz das HQ um gênero recorrente em livros didáticos e em materiais de formação continuada de professores, visando certamente à apropriação, pelo alunado, de alguns dos diversos elementos linguístico-discursivos e gráficos.

Certamente, as HQ estão carregadas de onomatopeias. Elas cumprem o papel de uma espécie de “trilha sonora”, como disse Aizen (1970, p. 289): representações linguísticas de sons e ruídos que, associadas ao sistema semiótico não verbal, constituem, hoje, forte característica de muitas HQ. É o elemento que favorece a construção de movimentação, expressividade e sonoridade das imagens que nem sempre se encaixam dentro dos diálogos: o bater da porta, o tiro da arma de fogo, o soco do personagem etc.

Foi por essa razão que elegemos a onomatopeia como objeto de estudo, procurando cernir suas formas de representação em manuscritos escolares.

### **A onomatopeia entre a Linguística e a Semiótica: a abordagem nas HQ da Turma da Mônica**

O que caracteriza a onomatopeia<sup>4</sup> em HQ da Turma da Mônica, cuja presença é intensa, constante e sistemática? Como a interação entre a imagem e o linguístico se estabelece, fazendo desse recurso

4 Verificamos, no entanto, que há poucos estudos que se preocupam com a questão das onomatopeias nas HQ. Dentre eles, apontamos para os trabalhos de Aizen (1970), Cirne (1977), Bibe-Luyten (1985), Ramos (2009), Calil (2008), Calil e Del Re (2009). Esses dois últimos estudos, diferentemente dos demais trabalhos sobre o gênero, apresentam análises sobre onomatopeias criadas por duas crianças de seis anos quando escrevem histórias inventadas.

linguístico, associado às características gráfico-visuais, uma das características constitutivas do próprio gênero?<sup>5</sup> Essas questões levaram-nos a refletir como esse recurso linguístico é representado por alunos recém-alfabetizados.

Antes, porém, faz-se necessário estabelecer, embora resumidamente, o que dizem sobre esse fenômeno a Linguística, ciência responsável pelo estudo da língua, e a Semiótica,<sup>6</sup> ciência que busca interpretar outros sistemas semiológicos que não aquele caracterizado pelo funcionamento da língua.

### A Linguística e a onomatopeia

Como indicamos acima, a onomatopeia encontra entre os linguistas sua delimitação, mas também suas diferenças. Nos estudos de Saussure podemos encontrar alguma reflexão relacionada à sua definição de signo linguístico e à questão do arbitrário. De acordo com os preceitos saussurianos, o signo linguístico não estabelece relação entre uma coisa e uma palavra, mas entre um conceito (significado) e uma imagem acústica (significante), como explica o autor:

O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário. Assim, a ideia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons m-a-r que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual [...] (SAUSSURE, 2006, p. 81-82).

O princípio fundamental da arbitrariedade do signo domina toda linguística do século passado; suas consequências são inúmeras. De acordo com Saussure, “arbitrário” quer dizer que o signifi-

cante não tem nenhum vínculo natural com a realidade. Podemos dizer, então, que o significante é “imotivado” em relação ao significado. É nesse sentido que se discute a onomatopeia, pois pode-se dizer que ela é motivada, o que Saussure contesta, distinguindo alguns pontos:

- 1) as onomatopeias, como uma “imitação aproximativa” de ruídos, são criadas a partir de sons vocais padronizados na língua; portanto, são motivadas (por exemplo, o francês *ouaoua* e o alemão *wauwau*),<sup>7</sup>
- 2) as onomatopeias tendem a adquirir características dos demais signos, à medida que se integram ao léxico da língua, sofrendo, por exemplo, alterações fonéticas e morfológicas: “prova evidente de que perderam algo de seu caráter primeiro para adquirir o do signo linguístico em geral, que é imotivado” (SAUSSURE, 2006, p. 83).

Essas conclusões do mestre genebrino acerca da natureza das onomatopeias não enfraquecem o seu caráter motivado, mas dizem respeito ao enlace entre som e sentido, dependente de fatores nitidamente culturais e não universais. Consideramos que a motivação existe, mas não é tão universal para destituir o arbitrário do signo, ainda que, no seio de uma cultura, a motivação onomatopaica, em sua criação, seja maior para signos como “mesa” e “cadeira”. Na língua inglesa, por exemplo, inúmeros verbos que se aproximam do ruído representado são utilizados amplamente nas HQ, como *to knock* e *to click*, que dão origem às onomatopeias “KNOCK!” e “CLIC”.

A onomatopeia, segundo Ullman (1964, p. 174), pode ser usada tanto como artifício “estilístico” quanto como recurso “semântico”. Em relação a seu aspecto estilístico, o efeito baseia-se não tanto nas

5 Em estudo anterior (SANTOS; BRAGA; CALIL, 2008), mostramos que nas HQ da Turma da Mônica esse recurso está em quase todas as páginas. Sua forte manifestação compõe um dos elementos que constitui esse tipo de gibi, a ponto de podermos afirmar que sua ausência poderia descaracterizá-lo como gênero discursivo.

6 No entanto, não trataremos, neste trabalho, das oposições que certamente perpassam essas duas teorias. Focalizaremos nosso olhar nas relações de semelhança entre as duas, no âmbito da representação da onomatopeia nas HQ da Turma da Mônica.

7 Elas variam de país a país, uma vez que diferentes culturas representam os sons de acordo com o idioma utilizado para sua comunicação (VERGUEIRO, 2007, p. 62).

palavras individuais, mas em uma judiciosa combinação e modulação de valores sonoros que podem ser reforçados pela aliteração, pelo ritmo, pela assonância e pela rima. Já o semântico baseia-se na qualidade onomatopaica das palavras. Nesse campo, o autor faz uma distinção entre a onomatopeia primária e a onomatopeia secundária. A onomatopeia primária é a imitação do “som pelo som”, é o verdadeiro “eco do sentido”, em que o próprio referente é uma experiência acústica, imitada pela estrutura fonética da palavra. As palavras *buzz* (zumbir), *crack* (rachar), *growl* (rosnar), *hum* (murmurar), pertencem a essa categoria. Algumas dessas palavras inglesas deram origem, nas HQ brasileiras, às onomatopeias: ZZZZ..., GRR!! e HUM!.

Na onomatopeia secundária, o som evoca um movimento, e não uma experiência acústica, como ocorre em *dither* (hesitar), *quiver* (tremar) ou qualquer qualidade física ou moral, geralmente desfavorável, *gloom* (melancolia), *grumpy* (irritado).

Além da distinção entre onomatopeia primária e secundária, Ullman comenta o processo de formação da onomatopeia mediante a alternância vocálica e a reduplicação. A alternância vocálica é a substituição de uma vogal por outra e pode exprimir ruídos diferentes: *snip-snap* (rasgar – estalar), *sniff-snuff* (sorver – fungar), *flip-flap-flop* (bater de um lado para outro). Analogamente a essa propriedade, segundo o autor, está a reduplicação das palavras e das frases, como *et patati et patata* (e assim por diante).

Diante dessa discussão tecida por Ullman e na tentativa de evitar possíveis equívocos, é necessário definir a emergência de alguns conceitos subjacentes à formação das onomatopeias, tais como a alternância (vocálica e/ou consonântica), a reduplicação e a repetição. A alternância, segundo Camara Junior (2002, p. 47), é o tipo de morfema que consiste na substituição de um fonema dentro do semantema, donde uma oposição entre duas ou mais formas de um mesmo semantema. Trazemos como exemplo, além das onomatopeias supracitadas: zigue-zague; pingue-pongue. Ainda tomando como base os conceitos delineados por esse importante linguista, “a reduplicação é a repetição da sílaba radical de um vocábulo, a qual em muitas línguas corresponde a um tipo de morfema dito reduplicativo” (CAMARA JUNIOR, 2002, p. 206).

A alternância vocálica desempenha um papel importante nas formas puramente imitativas e interjecionais: *tick-tock* (tique-taque), *click-clack* (clique-claque), *pit-a-pat* (tique-tique), *ding-dong*; em francês, *pif-paf* (zás-trás). E acrescenta, ainda, que há as alternâncias de consoantes iniciais, como em *helter-skelter* (precipitadamente) e *roly-poly* (rechonchudo). De acordo com Ullman (1964, p. 177-178), dificilmente se encontrará outro aspecto da semântica que tenha despertado tanto interesse como a onomatopeia. Nesse sentido, o semanticista traça quatro pontos de interesse semântico acerca desse recurso linguístico.

O primeiro aspecto diz respeito à *convencionalidade* da onomatopeia, pois cada língua representa o som conforme o seu sistema. O nome *cuco* é representado em diferentes línguas por: *cuckoo* (inglês), *coucou* (francês), *cuclillo* (espanhol), *cuculo* (italiano), *cucu* (romeno), *cuculus* (latim) etc. O segundo aspecto corresponde à condição indispensável da *motivação fonética*. Esse aspecto da onomatopeia diz respeito à semelhança ou à harmonia entre o nome e o sentido, pois os sons não são expressivos por si mesmos: só quando se ajustam ao significado é que as suas potencialidades onomatopaicas ressaltam. Um exemplo interessante é a palavra francesa para “papoula” – *coquelicot* – que, primitivamente era uma imitação onomatopaica do cantar do galo; designava, a princípio, o próprio galo, e depois, por metáfora, a flor cujo tom vermelho recordava a crista do galo. Segundo o semanticista,

a explicação é muito simples: quando acontece um som ocorrer juntamente com um significado com o qual está naturalmente de acordo, tornar-se-á onomatopaico e acrescentará a sua própria força expressiva ao sentido por uma espécie de efeito de ressonância. Quando não há qualquer harmonia intrínseca, o som permanecerá neutral, não haverá ressonância e a palavra será opaca e inexpressiva (ULLMAN, 1964, p. 182).

O terceiro aspecto refere-se ao *contexto* favorável à incidência da onomatopeia, em que se incluem tanto o enquadramento verbal quanto o contexto de situação. E o último aspecto abordado pelo autor corresponde à *valorização dependente da sensibilidade* de quem fala, da sua imaginação, da sua bagagem cultural e de outros imponderáveis, ou seja, é impossível classificar a onomatopeia, pois sua formação conta com a subjetividade de quem a produz.

Na definição desses dois importantes linguistas, verificamos que, apesar de Saussure refletir sobre a onomatopeia e sua relação com o caráter motivado/imotivado, ele não distingue suas formações. Já Ullman, a partir da reflexão de Saussure, contempla tanto a definição – incorporando conceitos da fonética, da morfologia e da semântica –, quanto o processo formador da palavra, sustentado na propriedade reduplicativa da onomatopeia. Veremos, a partir de agora, como a linguagem não verbal se relaciona com a onomatopeia.

### A Semiótica e a onomatopeia

Evidentemente, por ser um recurso linguístico, a onomatopeia não está presente em manuais e dicionários de Semiótica, mas as formas de representação dela nas HQ requerem alguma reflexão.

Para a Semiótica, como podemos observar na citação de Santaella, a linguagem exige a compreensão dos modos de articulação de diversos sistemas semióticos.

O nosso estar-no-mundo, como indivíduos sociais que somos, é mediado por uma rede intrincada e plural de linguagem, isto é, que nos comunicamos também através da leitura e/ou produção de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos, que somos também leitores e/ou produtores de dimensões e direções de linhas, traços, cores... Enfim, também nos comunicamos e nos orientamos através de imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes... Através de objetos, sons musicais, gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar, do sentir e do apalpar. Somos uma espécie animal tão complexa quanto são complexas e plurais as linguagens que nos constituem como seres simbólicos, isto é, seres de linguagem. (SANTAELLA, 2004, p. 10).

É a articulação entre formas, movimentos, olhares, sons, gestos, expressões, linhas, traços e cores que faz das HQ um sistema semi-

ótico particular. A onomatopeia que muitas HQ apresentam sistematicamente materializa essa interface, mas, ao mesmo tempo, coloca problemas para os limites entre o que é da ordem do linguístico e o que é da ordem do imagético, do desenho, do visual... do que não é linguístico.

Como exemplo desse cruzamento, observemos, inicialmente, uma onomatopeia de *choro*.



**Figura 1:** BUÁÁÁÁÁ.<sup>8</sup> onomatopeia representando o choro do personagem.

Na representação do choro da Maria, irmãzinha do Cebolinha, a letra grande, grafada com traços espessos, em preto, não indica só o choro, mas também dá volume e intensidade a ele. Sentido que, em um texto sem imagens, deveria ser produzido por palavras: “No meio do passeio, a irmãzinha do Cebolinha abriu um berreiro imenso, chorando alto e sem parar: buááááá!”. A repetição da letra “a” e o ponto de exclamação, ambas indicações linguísticas, ajudam na produção do sentido da onomatopeia, mas não são suficientes, na HQ, para o resgate daquilo que mostra a imagem.

Vejamos agora outra onomatopeia, que indica uma batida ou um soco.

<sup>8</sup> Imagem extraída de uma história sem título, disponível no sítio eletrônico oficial da Turma da Mônica. Disponível em: <<http://www.monica.com.br/index.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2010. Destacamos ao leitor que estamos usando onomatopeias que fazem parte das HQ a que os alunos tiveram acesso. Porém, como descreveremos adiante, efetivamos um tratamento nas imagens dessas HQ, apagando toda referência linguística.



**Figura 2:** POF:<sup>9</sup> onomatopeia representando o som de uma batida.

Para o leitor desse gênero, as *metáforas visuais* que envolvem a onomatopeia, como as fumacinhas e as estrelinhas; os *traços cinéticos* que acompanham o balão; as cores escolhidas (fundo amarelo, que contrasta com o roxo das letras),<sup>10</sup> assim como o tamanho das letras, que ocupam quase todo o quadro; e sua sombra são elementos inter-relacionados. Do mesmo modo que a onomatopeia “buá”, tais recursos ajudam na produção de sentido e na própria caracterização da onomatopeia, fazendo que ela represente não somente o som, mas também sua intensidade, seu volume, e ainda dê um caráter lúdico à história.

A relação entre a onomatopeia e esses elementos gráfico-visuais é intensa nas HQ, a ponto de ocorrer que ela, a onomatopeia, tenha

dupla função: “representa um som, ao mesmo tempo em que sugere um movimento” (RAMOS, 2009, p. 81).

Diante dessa forte relação entre a imagem e a forma de representação da onomatopeia, podemos perguntar-nos como os alunos estabelecem esse vínculo ou como fazem sua articulação.

### Manuscritos escolares de HQ

Os 144 manuscritos escolares que fazem parte de nosso material de análise são os produtos de propostas de produção de texto a partir do projeto didático<sup>11</sup> “Gibi na sala”. Em 2008, nossa equipe de trabalho elaborou esse projeto, que foi desenvolvido no segundo semestre desse mesmo ano, em uma sala de aula de um 2º ano do Ensino Fundamental<sup>12</sup> de uma escola municipal de Maceió. O projeto estava dividido em propostas de leitura e interpretação e propostas de produção de texto. Para as propostas de produção, recorreremos ao tratamento da imagem, apagando todo texto escrito de algumas HQ da Turma da Mônica. Essa escolha justifica-se pelo fato de, pelo seu alto grau de complexidade, a articulação entre “fazer uma sequência de quadrinhos” e criar o “texto (diálogo) que a acompanha” ter-nos parecido inviável. Os alunos participaram de doze propostas de produção, em que a professora pedia para eles escreverem o que achavam que estava faltando e que pudesse deixar a história mais “engraçada”.

Nesse conjunto de manuscritos escolares, identificamos e analisamos as diversas formas de representação de sons e ruídos. Para sustentar nossa análise e no intuito de descrever o modo como os alunos criam os sons que representam as imagens das HQ, adotamos os aspectos fundantes da onomatopeia, delineados por Ullman no

9 Imagem retirada da história “Mônica”, encontrada na revista *Almanaque historinhas de uma página*: Turma da Mônica, n. 2. São Paulo: Panini Comics, 2008. p. 44.

10 Infelizmente, essas características não podem ser observadas neste suporte impresso.

11 A metodologia de coleta de dados segue o que propõe Calil (2008a), ao vincular as práticas de textualização e os processos de escritura em ato à execução de “projeto didático” que possa ajudar a constituir um universo simbólico em que os alunos estejam *imersos* no gênero eleito.

12 Deixamos aqui registrado nosso agradecimento à direção da escola, à professora e aos alunos que não só participaram desse trabalho, mas também puderam se encantar com o rico universo discursivo das HQ da Turma da Mônica e seduzir-nos com as *sui generis* onomatopeias que criaram.

âmbito do processo de formação da palavra, levando em consideração a reduplicação e as alternâncias vocálicas e/ou consonânticas.

Tendo como apoio as explicações postas acima, ao comentarmos as duas imagens que apresentamos, iremos descrever algumas onomatopeias que aparecem em um manuscrito, suas características e as possíveis relações com a imagem que as sustenta.

### Formas de representação de onomatopeias

A relação entre a onomatopeia e a imagem que a representa não é algo evidente para os alunos. Também parece haver certa opacidade na forma de representação dessas onomatopeias. No conjunto de 144 manuscritos, há 306 onomatopeias, representadas de 32 formas diferentes.

Elas trazem um caráter relativamente indeterminado, e nem sempre é possível definir com clareza o seu sentido e o tipo de relação que há entre ela e a imagem.

Para ilustrarmos essa heterogeneidade, observemos o que acontece em apenas um manuscrito que, produzido por Douglas e Eduardo, corresponde à sexta proposta<sup>13</sup> feita aos alunos; a HQ apresenta oito quadrinhos, e a dupla fez onomatopeias em cinco deles.<sup>14</sup>

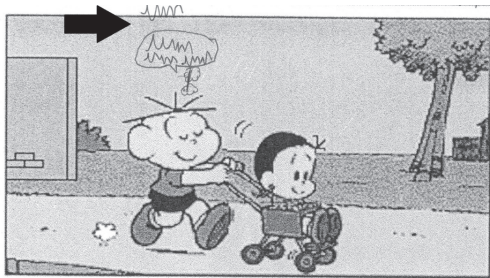


Figura 3: 1º quadrinho, som de música?

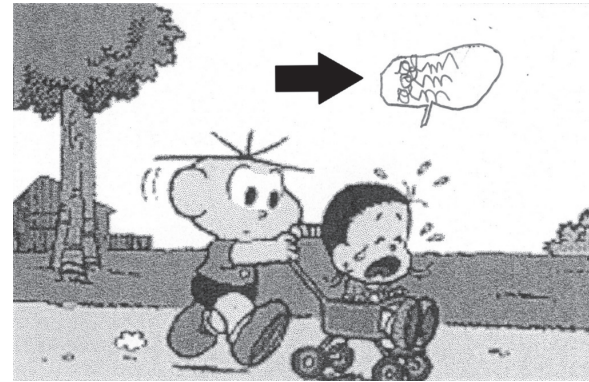


Figura 4: 2º quadrinho, o choro.

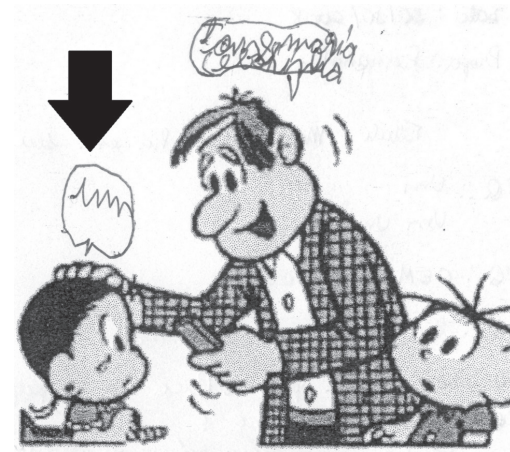


Figura 5: 6º quadrinho, o choramingo.

13 Essa proposta foi efetivada no dia 30/10/2008. Ela mostra, no primeiro quadro, Cebolinha passeando com sua irmã, Mariazinha. No segundo, ela chorando. No terceiro, quarto e quinto, Cebolinha fazendo gestos, cantando, dançando para ela parar de chorar. No sexto, um homem aproxima-se, faz um carinho e dá um doce para ela. No sétimo, ela para de chorar e fica alegre com o docinho. No oitavo, o Cebolinha começa a chorar e vai atrás do homem.

14 Imagens retiradas da história de Douglas e Eduardo, intitulada “maria cebolinha em seu irmão cebolinha”, que tinham 8 anos e 3 meses e 7 anos e 8 meses, respectivamente.

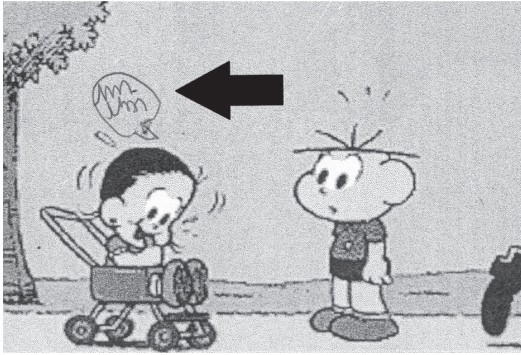


Figura 6: 7º quadrinho, o choro?

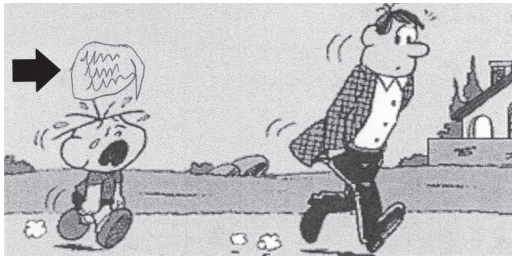


Figura 7: 8º quadrinho, o chorão.

Em uma “transcrição normativa” (CALIL, 2008a, p. 71) e aproximativa dessas onomatopeias, temos:

1. Cebolinha cantando: “um um um” (figura 3, 1º quadrinho)
2. Mariazinha chorando: “oem oem oem” (figura 4, 2º quadrinho)
3. Mariazinha choramingando: “um” (figura 5, 6º quadrinho)
4. Mariazinha alegre: “um um” (figura 6, 7º quadrinho)
5. Cebolinha chorando: “um um um” (figura 7, 8º quadrinho)

Não é difícil constatar que a dupla, além de delimitar a onomatopeia<sup>15</sup> em um balão, também a representa a partir do recurso da reduplicação, presente em quatro das cinco formas de representação. Poderíamos dizer que eles conseguem representar onomatopeias em suas HQ e relacioná-las ao que se passa na história. Por exemplo, no segundo quadrinho (figura 4), o choro da Mariazinha recebe uma representação próxima ao som de um *chorar aos gritos*, cuja forma ortográfica não está distante do som convencionalmente representado nos gibis da Turma da Mônica.

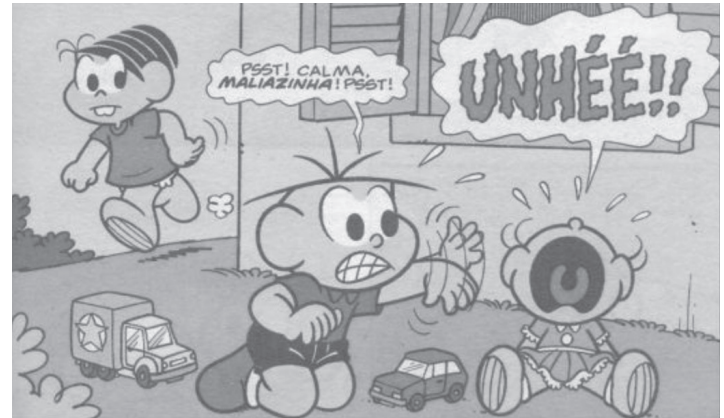


Figura 8: UNHÉÉ!!<sup>16</sup> onomatopeia representando o som de um choro aos berros.

Além dessa aproximação entre a forma “oem”, proposta por Eduardo e Douglas, e a forma “unhéé”, usada no gibi da Turma para a representação de um bebê berrando, há outro aspecto curioso a ser destacado. Tanto no segundo quadrinho, quanto no primeiro e no oitavo quadrinhos, há uma reduplicação das onomatopeias, característica igualmente observável nesses gibis.

<sup>15</sup> Em consonância com a distinção entre onomatopeia primária e secundária desenhada por Ullman (1964) no quadro teórico que assumimos neste trabalho, as produções ora analisadas correspondem às onomatopeias primárias, pois sua representação sugere uma escrita interpretada do som, pelo aluno que a produziu.

<sup>16</sup> Imagem retirada da história “Mônica em: com um beijinho passa”. Revista *Almanaque da Mônica*, n. 2. São Paulo: Panini Comics, 2007.



Figura 9: Buááá! Buááá! Buááá!<sup>17</sup> onomatopeia representando o som reduplicado de um choro.

Contudo, se a forma “oem” pode ser aproximada da forma “unhéé”, a forma “um”, que prepondera em quase todos os quadrinhos, está mais distante do som do choro, particularmente de sua representação estabilizada: “buááá”.

Além disso, e o que talvez seja o mais surpreendente, a *mesma* (?) onomatopeia representa imagens completamente diferentes, quase opostas: o primeiro quadrinho, quando Cebolinha está cantando, e o oitavo quadrinho, quando está chorando, têm exatamente a mesma representação ortográfica e gráfica.<sup>18</sup>

A que se deve isso? Por que esses alunos – e outros também –, por vezes, indiciam certa apropriação desse recurso linguístico e sua relação com a imagem que o representa e, por outras, dissociam uma coisa da outra?

### Considerações finais

Como vimos, as HQ têm sido um gênero bastante valorizado no ensino de Língua Portuguesa, particularmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Nos últimos anos, tal gênero ganhou espaço no

contexto escolar e, hoje, “a leitura de quadrinhos já é considerada erudição” (GONSALES, 2006, p. 9), tem seu reconhecimento em diversos materiais didáticos. Dentre os inúmeros aspectos verbais e não verbais que constituem as HQ, debruçamo-nos detidamente sobre a onomatopeia. Discutimos sua manifestação nos estudos de dois linguistas renomados, a saber, Ferdinand de Saussure e Stephen Ullman; adentramos na sua caracterização gráfico-visual nas HQ da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa; e, por fim, analisamos a emergência de cinco onomatopeias em um manuscrito escolar, produto da atividade de produção de texto do projeto didático “Gibi na sala”.

No que se refere ao caráter linguístico da onomatopeia, a discussão teve como pano de fundo a reflexão saussuriana, considerando a noção de arbitrariedade do signo linguístico e o seu caráter motivado/imotivado, o qual suscita, neste momento, a questão: a onomatopeia é uma formação linguística arbitrária ou uma formação linguística motivada? Para essa questão, Ullman (1964, p. 169) diz-nos que “é ocioso perguntar se a língua é convencional ou ‘motivada’: todos os idiomas contêm certas palavras arbitrárias e opacas, sem qualquer conexão entre o som e o sentido, e outras que, pelo menos em certo grau, são motivadas e transparentes”. Nessas reflexões verificamos, também, que, apesar de Saussure discorrer sobre a onomatopeia, ele não distingue seu processo formador. Já Ullman, a partir da reflexão de Saussure, contempla tanto a definição – incorporando conceitos da fonética, da morfologia e da semântica –, quanto o processo formador da palavra, sustentado na propriedade reduplicativa da onomatopeia.

Trazendo essas definições para o contexto em que estamos investigando a onomatopeia, apontamos que abordá-la num ambiente estritamente linguístico não é suficiente para dar conta do seu funcionamento nas HQ da Turma da Mônica, pois há variadas onomatopeias e diferentes modos de explorar os sons das palavras, visto que sua emergência está atrelada intrinsecamente à imagem que a

17 Imagem retirada da história “Bidu em: lua sem mel”. Revista *Almanaque da Mônica*, n. 111. São Paulo: Globo, 1996. p. 47.

18 Poderíamos dizer, em outra situação, caso fosse uma produção encontrada na HQ da Turma da Mônica, ser um caso de homonímia constituindo a onomatopeia, conforme comentado em Santos, Braga e Calil (2008). No entanto, o que se tem nessa produção é apenas uma representação que não diferenciava um sentido do outro.

suscita. Nesse sentido, o tipo e o tamanho da letra e a cor utilizada podem intensificar o sentido de dada representação, como mostramos na figura 1, no exemplo do choro da Maria.

Diante dessa breve discussão sobre a onomatopeia, tanto na linguística quanto nas HQ da Turma da Mônica, indagamo-nos sobre o que trazem os manuscritos escolares. Na análise efetuada no manuscrito da díade Douglas e Eduardo, observamos que as cinco onomatopeias produzidas apresentam características próprias do fenômeno, como a reduplicação, e alguma relação com a imagem. No entanto, emergem nessas produções ocorrências peculiares, como a forma “um”, que parece servir para representar duas imagens distintas: o cantarolar do Cebolinha no primeiro quadrinho e o seu choro no oitavo quadrinho. Observamos ainda que os alunos não fazem uma diferenciação rigorosa entre a imagem e sua representação.

Por fim, é necessário retomar a questão da arbitrariedade do signo linguístico postulado por Saussure e propor as seguintes questões: apesar de ser uma produção de alunos recém-alfabetizados e, portanto, com uma escrita ortográfica não estabilizada, essas onomatopeias encontradas no manuscrito escolar da díade são formações linguísticas motivadas? A forma de representação que fazem os alunos não parece justificar-se pelo seu nível de escrita. Como pode ser observado na “transcrição normativa” abaixo, eles não encontraram problemas maiores para escrever os diálogos da história.

1º Quadrinho	2º Quadrinho	3º Quadrinho	4º Quadrinho
Cebolinha: “um um um”	Mariazinha: “oem oem oem”	Cebolinha: “Eu vou cantar para você.”	Cebolinha: “Dorme, nenê, que a cuca vai te pegar.”
5º Quadrinho	6º Quadrinho	7º Quadrinho	8º Quadrinho
Homem: “O que foi, Cebolinha?”  Cebolinha: “Minha irmã não para de chorar.”	Homem: “Toma, Maria Maria Cebolinha.”  Maria Cebolinha: “um”	Maria Cebolinha: “um um”	Cebolinha: “um um um”

Quadro 1: Transcrição normativa do manuscrito de Eduardo e Douglas.

A transcrição indica uma boa relação de sentido entre as imagens e as falas dos personagens, o que torna ainda mais estranha a indiferenciação entre as onomatopeias. Por que os alunos, apesar de escreverem adequadamente as falas dos personagens, não o fizeram para as onomatopeias, que representam os sons indicados por aquelas imagens?

### Referências bibliográficas

- AIZEN, Naumin. “Onomatopeias nas histórias em quadrinhos”. In: MOYA, Álvaro de. *Shazam!* São Paulo: Perspectiva, 1970.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- BIBE-LUYTEN, Sônia M. *O que é histórias em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria do Ensino Fundamental. *Guia do livro didático: Língua Portuguesa, 1ª a 4ª série*, Ministério da Educação. Brasília: MEC, 2006. (Programa Nacional do Livro Didático 2007).
- CALIL, Eduardo. *Autoria: a criança e a escrita de histórias inventadas*. Londrina: Eduel, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Escutar o invisível: escritura & poesia na sala de aula*. São Paulo: Unesp; Rio de Janeiro: Funarte, 2008a.
- \_\_\_\_\_. “Cadernos de histórias: o que se repete em manuscritos de uma criança de 6 anos?”. In: CASTILLO GOMEZ, A. (Dir.); SIERRA BLAS, V. (Ed.). *Mis primeros pasos*. Alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (siglos XIX y XX). Gijón: TREA, 2008b.
- \_\_\_\_\_; DEL RE, Alessandra. Análise multimodal de uma história inventada: o caso da onomatopeia visual. *Revista da Anpoll*. Multimodalidade e intermedialidade: abordagens linguísticas e literárias, UFMG, v. 2, n. 27, 2009.
- CAMARA JUNIOR, J. Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática: referente à Língua Portuguesa*. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

- CARVALHO, DJota. *A educação está no gibi*. Campinas: Papyrus, 2006.
- CIRNE, Moacy. *Bum! A explosão criativa dos quadrinhos*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- GONSALES, Fernando. “Prefácio”. In: CARVALHO, DJota. *A educação está no gibi*. Campinas: Papyrus, 2006.
- RAMOS, Paulo. *A linguagem dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.
- SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- \_\_\_\_\_; NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- SANTOS, Janayna P. L. S. *Livro didático de português e histórias em quadrinhos: análise das questões de interpretação de texto em livros didáticos de português de 2ª série do Ensino Fundamental*. 2007. 47 f. Monografia (Graduação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL.
- \_\_\_\_\_; BRAGA, Kall Anne; CALIL, Eduardo. “Onomatopeias e palavras expressivas em histórias em quadrinhos da Turma da Mônica: descrição e mudança”. In: JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO NORDESTE, 22., 2008, Maceió. *Programação e resumos*. Maceió: GELNE, 2008.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- ULLMAN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.
- VERGUEIRO, W. “Uso das HQs no ensino”. In: BARBOSA, Alexandre et al. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2007.

Recebido em agosto de 2009 e aceito em fevereiro de 2010.